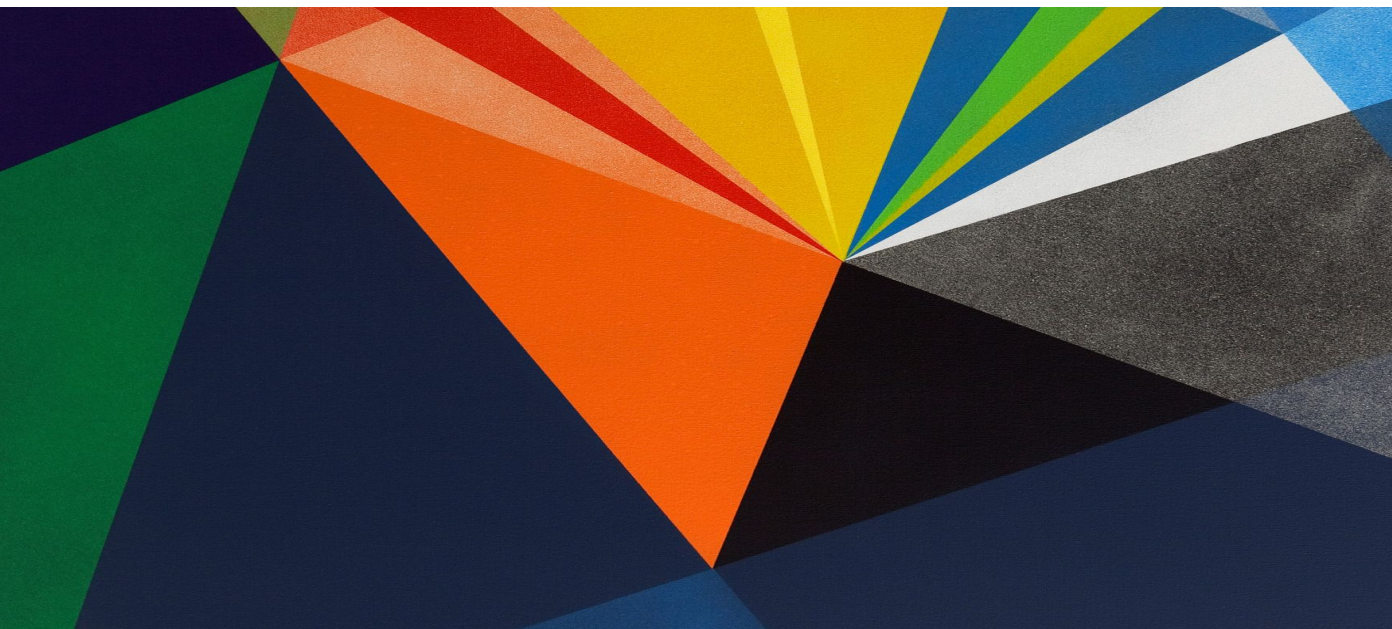


Psicologia da esquizofrenia



Lev Semionovitch Vigotski

Traduções Voluntárias Nº 3



Arquivos digitais

Psicologia da esquizofrenia* **

L. S. Vigotski

(1933)

Nos sintomas clínicos da esquizofrenia o psicólogo encontra um fenômeno extraordinário, praticamente incomparável, com relação a qualquer outro evento, um fenômeno que não pode ser comparado com nada previamente descrito. Ele é um caso extraordinário e incomparável de desenvolvimento psicológico e alteração da consciência e suas funções podem lançar luz sobre a organização normal da consciência. Mais importante, ele pode lançar luz sobre a organização normal das relações da consciência com suas funções e sobre seu curso normal de desenvolvimento. Neste sentido, o estudo psicológico da esquizofrenia talvez contenha uma chave para a compreensão de estrutura normal da consciência. Em todo caso, o estudo psicológico da esquizofrenia, o qual não está ainda suficientemente avançado, poderia nos habilitar a abordar a consciência humana normal do ponto de vista do experimento psicológico de laboratório.

A essência da novidade revelada pelos estudos clínicos da esquizofrenia para a análise psicológica da consciência normal e patológica pode ser explicada do melhor modo se nós colocamos a questão de como a relação da consciência com suas funções tem sido usualmente interpretada nas investigações psicológicas e psiquiátricas. Eu penso que não estaria equivocado se dissesse que ao longo da história da pesquisa psicológica e psiquiátrica, a consciência tem sido considerada como extrapolada de suas funções. Temos duas principais

* Tradução para fins didáticos de: Vygotsky, L. S. (1933/1987) The psychology of schizophrenia. In: **Soviet Psychology**. 1987. p. 72-77. Entre chaves mantem-se a numeração das páginas na fonte, indicando sempre o texto subsequente. Por Achilles Delari Junior. 1a versão: Curitiba-PR, 28 de novembro de 2015. Versão atual: Umuarama-PR, 17 de janeiro de 2020. Disponível em: www.estmir.net/lsv_1933_psi-sqz.pdf

** De “Sovremennaja problema shizofrenii. Doklad na konferentsii po shizofrenii” [Problemas contemporâneos de esquizofrenia. Relato à conferência de esquizofrenia]. Moscou, 1933. p. 19-28. [Nota da fonte em inglês]

variantes na abordagem deste problema, se deixarmos de lado uma série de outras variantes com as quais nós não podemos lidar aqui, porque restringiriam nossos esforços a enumerar esquematicamente a essência da questão que temos em mãos.

Na primeira variante, que foi mais prevalente na velha psiquiatria e na velha psicologia, a consciência era vista como um atributo abstrato, inerente a todos os tipos de atividades ou funções, como a capacidade de conhecer e {73:} vivenciar. Ela era mais algo parco, esquelético, esparso, no que ela representou uma qualidade geral que era igualmente inerente em todas as funções, da mais elementar à mais complexa. Era retirado tudo que era avançado na atividade da consciência, tudo que constitui a essência desta atividade em suas formas concretas, múltiplas.

Na segunda variante deste problema, a consciência era vista como um tipo de espaço mental contendo todas as funções e ontologicamente precedendo a elas. Neste caso, psicólogos e psiquiatras igualmente diziam que as funções poderiam retroceder seu desenvolvimento ou mudar, mas a consciência permanecia imutável; as funções poderiam ser prejudicadas, mas a consciência permaneceria intacta.

Nestas duas variantes a consciência era descrita principalmente em termos formais, principalmente em termos de atributos tais como continuidade, clareza e unidade* da consciência; mas sempre e em todo lugar os exames lidavam com a consciência como algo extrapolado de suas atividades.

É claro que era necessário postular que a consciência em si mesma não poderia nem mudar nem evoluir; portanto, não é surpreendente que a ciência da consciência, como a psicologia concebeu a si mesma por muitos séculos, tenha estudado muito atentamente várias séries de atividades da consciência, mas dito nada de inteligível sobre

* Neste caso, em inglês temos "unity", termo diferente de "unit". Como ocorrer em russo, respectivamente, com as palavras "единство" [*edinstvo*] e "единица" [*edinitsa*]. No primeiro caso, a palavra indica o caráter único do todo, da totalidade, o que em português também se pode traduzir por "unicidade". No segundo caso, a "unidade" pode ser um componente da unicidade, mas um componente indecomponível, no que difere dos "elementos". Geralmente, quando Vigotski se refere à "unidade para análise" da consciência, se vale do termo "edinitsa", e quando se refere à "unidade da consciência" ou "unidade afetiva e intelectual", o termo é "edinstvo". Na passagem referida está criticando o modo metafísico, abstrato, de pensar a unicidade da consciência, mas ao para seu trabalho a categoria é necessária desde que pensada de modo dialético e concreto, multi-determinado. [Nota nossa, ADJr.]

a natureza da consciência em si e seu desenvolvimento. Também é interessante a este respeito que a ciência do sofrimento mental ou doenças da consciência, como a psiquiatria concebe a si mesma, tenha feito um grande esforço no caminho de estudar distúrbios de vários aspectos da consciência, mas discernido apenas as formas mais grosseiras e mais massivas de alterações da consciência. As quais, estritamente falando, seriam classificadas mais como efetiva extinção da consciência do que como mudança nela.

O segundo aspecto que distinguia os estudos iniciais destas questões era o de que mesmo as atividades da consciência, elas mesmas, i.e., as funções específicas da consciência, eram usualmente estudadas de forma isolada e abstrata, ainda que fosse postulado que estas funções operavam conjuntamente. Era repetidamente afirmado, tanto por psicopatologistas como por psicólogos, que a atividade de cada função particular da consciência era sempre inseparavelmente conectada à atividade de outra função, que a memória pressupunha a atividade da atenção, a atenção pressupunha a atividade do pensamento, etc. Contudo, este postulado em si nunca foi investigado, e estava implicitamente assumido que, enquanto todas as funções agem juntas, sua atividade conjunta não era essencial para o destino de cada função particular, uma vez que, de novo, era assumido {74:} que as funções agem juntas da mesma idêntica e imutável maneira”

Logo, nós vemos que no estudo da consciência e suas funções na psicologia e psicopatologia, dois postulados, que a psicologia moderna converteu em problemas, reinaram por um longo tempo. E a mudança mais importante no modo que estes problemas foram formulados, uma mudança que teve efeitos consideráveis sobre a pesquisa experimental no laboratório psicológico, seja num hospital psiquiátrico ou num instituto psicológico, foi a de que ambos os postulados (i.e., sobre a relação da consciência com suas funções e sobre a relação das funções com as demais em diferentes formas de movimento da mente através de seu desenvolvimento e degeneração) têm agora um objeto específico de investigação empírica.

Na pesquisa contemporânea estes problemas (os problemas da consciência e suas funções e o problema do relacionamento entre as funções) tem se movido para o centro das atenções. A psicologia tem apenas bem recentemente se tornado apta a abordar estes problemas de modo suficientemente concreto e empírico, uma vez que anteriormente muitos dos elos de conexão entre a consciência e suas funções

estavam perdidos. Mas quando alguns destes elos de conexão – i.e. certas estruturas psicológicas de uma ordem superior, ou de uma construção mais complexa e origem mais recente do que atividades elementares – foram descritos em seus aspectos normais e patológicos, eles nos habilitaram a colocar este problema como um objeto de investigação direta.

A coisa mais importante que a pesquisa psicológica empírica moderna fez para o estudo da esquizofrenia e que o laboratório psicológico adquiriu do estudo clínico da esquizofrenia foi que a dissociação de mente se fez acessível como um objeto direto de investigação empírica.

Este fenômeno tem sido descrito em vários laboratórios psicológicos, sob diferentes nomes, em conexão com uma variedade de processos. Uma elucidação dele que estabelece suas formas clínicas de modo mais preciso é, até onde sabemos, encontrada na análise desta função feita por Kibler e, depois, por Kretschmer, que generalizou os achados de Kibler.

Essencialmente, nesta nova formulação do problema, a dissociação da mente é vista como uma função inerente igualmente à consciência normal e à patológica, e portanto como uma função psicológica por definição, como uma função que é necessária para a abstração, atenção voluntária, e formação de conceitos, assim como é para a gênese do quadro clínico do processo esquizofrênico. Kretschmer comentou eloquentemente sobre esta função: “A capacidade para dissociação, mesmo numa situação experimental, é tão proeminente que, sobre a base deste único fato, poder-se-ia estar plenamente convicto em chamar esta capacidade de ‘esquizotímica’ mesmo se a psicose da ‘esquizofrenia’ não existe de modo algum”. Esta é uma formulação concisa, acurada e excelente, expressando o real estado dos afazeres com respeito ao problema da dissociação.¹

Se nós agora nos voltamos ao estudo desta função em esquizofrênicos, vemos que inicialmente o laboratório psicológico contribuiu muito pouco para esse resultado. Encontrou-se o seguinte. Em adição à dissociação, o que estava muito evidente, encontramos um negativo fotográfico, por assim dizer, deste sintoma, seu duplo, i.e., um fenômeno sobre o qual V. A. Vnukov estava falando quando chamou atenção para a existência de sintomas internos contraditórios no quadro psiquiátrico da esquizofrenia como um contra-sintoma, seu duplo negativo, seu oposto.

Nós observamos um distúrbio de afetividade, uma palidez emocional, uma frieza da vida emocional; mas, ao mesmo tempo, ninguém poderia negar que aspectos afetivos adquirem atipicamente grande importância no pensamento de um esquizofrênico. Ninguém poderia negar que esquizofrênicos estão inclinados em direção ao pensamento abstrato. Mas, por outro lado, um aspecto chave de seu pensamento é a tendência a tipos de processos intelectuais gráficos, primitivos. Nós sabemos que a forma esquizofrênica de pensamento é frequentemente chamada de simbólica, o que se refere à propriedade peculiar de não tomar nada literalmente, mas tudo alegoricamente. Por outro lado, como temos visto, a compreensão de significados simbólicos, metafóricos diminui severamente na esquizofrenia; o paciente esquizofrênico fica inapto a criar um construto *nonsense*; mas, em contrapartida, muitos esquizofrênicos produzem apenas *nonsense* completo.

A cada passo nós encontramos que cada sintoma é equiparado por um contra-sintoma, que reflete o mesmo fenômeno negativamente. Nós não temos sido aptos a encontrar uma explicação suficientemente clara para a complexa estrutura da síndrome esquizofrênica – talvez por causa do insuficiente conhecimento no estudo clínico da esquizofrenia. Mas estamos inclinados a acreditar que a explicação para este fenômeno está por ser encontrada aplicando a hipótese da *estrutura sistêmica e semântica da consciência** para uma compreensão da psicologia da esquizofrenia.

Permitam-nos tentar mostrar como, do ponto de vista desta hipótese, nós devemos resolver a questão da dualidade dos sintomas nas {76:} desordens esquizofrênicas da consciência em termos do fenômeno da dissociação e seu contra-sintoma, que nós mencionamos anteriormente, i.e., a tendência de processos e aspectos heterogêneos a fundirem-se na consciência*. O ponto de partida de nossa discussão

* Esta é uma elaboração conceitual crucial para Vigotski nesse período de desenvolvimento de seu trabalho científico. Em conferência de 15 de dezembro de 1932, o autor disse entender que “convencionalmente, a estrutura sistêmica da consciência pode denominar-se estrutura externa da consciência, enquanto a estrutura semântica, o caráter da generalização, sua estrutura interna.” (Vigotski, L. S. 1932/2006. *La infancia temprana*. In: _____. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madrid: Machado. p. 362). [Nota nossa, ADJr]

* A relação de complementariedade dialética entre dissociação e fusão na unicidade dinâmica da consciência também é ressaltada em conferência de Vigotski em Moscou, em dezembro de 1933. Nas anotações feitas dessa fala, só publicadas anos depois, encontramos os termos “cisão” [расщепление – *rasshsheplenie*] e “fusão” [слияние – *sliianie*] denominando tais processos opostos inerentes à consciência. Estes, por sua vez, são correlatos aos

será o seguinte: a função da dissociação, como todas as funções da consciência, não permanece imutável; ela se desenvolve, mudando qualitativamente ao longo do processo. Nós sabemos que, no processo de desenvolvimento, são geradas novas estruturas. As quais não existem estágios precedentes e não são simples combinações ou modificações de rudimentos presentes no começo. O mesmo se dá com respeito à função de dissociação.

Esta função entra como uma instância subordinada, um aspecto derivado, uma força consistente, nas estruturas de uma ordem superior da qual ela por si mesma é uma condição na história da evolução. Se eu digo que a função da dissociação é uma condição da atenção voluntária e da abstração na história do desenvolvimento e no funcionamento em curso, o que eu quero dizer é que ela serve como uma força coerente na estrutura interna, no sistema psicológico dos conceitos, em todo o ser humano adulto plenamente desenvolvido. Torna-se então compreensível que o sistema de conceitos, através do qual a consciência generaliza dada realidade e todo mundo interno de vivências subjetivas, em certo sentido, defina as fronteiras da dissociação e combinação de esferas ou domínios na consciência.

Mas isto nos traz a uma curiosa observação: no estudo experimental, a função da dissociação tem seu contra-sintoma na forma de contra-dissociação, i.e., uma fusão de todas as coisas num todo, uma combinação sincrética das mais variadas camadas e aspectos da consciência.

Em outras palavras, somados à força destrutiva da dissociação extremamente bem desenvolvida, na consciência esquizofrênica nós encontramos aspectos que agem na direção oposta. Uma descrição completa da consciência esquizofrênica portanto, necessariamente requer, além de levar em consideração a tendência à dissociação, o reconhecimento da força contrária, que também é desencadeada pela desintegração de conceitos e turva distintas linhas divisórias entre diferentes esferas e processos da consciência. Ambas estão ligadas ao colapso do significado das palavras e de toda a *estrutura sistêmica e semântica da consciência* da qual eu falei anteriormente.

processos de “estranhamento” [отчуждение – *ottchujdenie*] e “cooperação” [сотрудничество – *sotrudnitchestvo*] entre seres humanos conscientes (ver Vigotski, L. S. 1933/1968. Problema soznaniia. In: Leontiev, A. A.; Riabovoi, T. V. [eds.] *Psikhologuiia Grammatiki*. Moskva. Izdatel'stvo Moskovskogo Universiteta. p. 194). [Nota minha, ADJr]

Estou inclinado a pensar que o segundo ponto que pode ser mencionado para explicar o quadro dual da síndrome esquizofrênica reside em uma ideia que notei ser expressa em todos os relatórios precedentes, qual seja, {77:} a de que no processo esquizofrênico nós não devemos considerar a pessoa adoecida apenas como um paciente** Nós devemos prestar atenção para o papel ativo da personalidade submetida a este processo de desintegração. É concebível que, em adição aos traços de destruição da personalidade, que está sob influência de um processo prolongado que destrói as mais elevadas, mais complexas, relações sistêmicas e semânticas, e conexões da consciência, nós devamos encontrar traços contrários, pelos quais esta personalidade irá, de algum modo, resistir, modificar a si mesma, reorganizar-se, e que o quadro clínico da esquizofrenia nunca pode ser entendido meramente como algo que emana diretamente da exibição das consequências destrutivas do processo em si, mas deve ser visto como uma reação complexa da personalidade ao processo destrutivo por ele mesmo.²

Eu penso que uma orientação biológica ao estudo da esquizofrenia (à qual nós em psicologia temos que agradecer pela introdução do problema da dissociação na pesquisa empírica) está correta quando enfatiza o papel da personalidade no transtorno, mas está enfaticamente errada por compreender a personalidade em si incorretamente, propondo um conceito biológico de personalidade. E se a psicologia e a psicopatologia modernas captassem uma única importante ideia, do meu ponto de vista, de que não são as profundidades, mas as elevações da personalidade que são decisivas para a compreensão das desordens e reações da personalidade e para a consciência do indivíduo, então, pareceria a mim, que esta compreensão tal como vinda das elevações, não das profundidades, da personalidade poderia conter uma chave para decifrar o quadro dual apresentado na esquizofrenia.

** “Paciente” na acepção “ser passivo”. [Nota minha, ADJr.]

Notas*

1. Dos psicólogos contemporâneos, K. Lewin chegou mais perto da solução correta deste problema. Discutindo o problema da unidade* da consciência, ele mostrou que uma condição indispensável para esta unidade era a divisão da consciência em esferas individuais, sistemas mentais, camadas, os quais seriam relativamente bem demarcados e independentes uns dos outros.
2. Em particular, alguns casos de dissociação podem, deste ponto de vista, ser bem considerados como reações de defesa da consciência ao processo de desintegração e fusão.

* A fonte em inglês não especifica se as notas são dos editores ou do próprio Vigotski. Pelo teor das notas poderiam ser de Vigotski. Mas não podemos afirmar categoricamente. [Nota minha ADJr.]

* Também se trata de “unity” em inglês, não de “unit” – ver comentário nosso em nota nas páginas 2 e 3 desta tradução. [Nota minha, ADJr.]